

PRAÇA NELSON RODRIGUES

Decreto nº 6558 de 29-07-1981

Formada pelo Sistema de Lazer do Jardim das Paineiras

Situada entre as avenidas José Bonifácio e Jesus no Marcondes Machado e a rua Cruzália

Jardim das Paineiras

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal, em Exercício, José Roberto Magalhães Teixeira. Protocolado nº 35.253 de 29-12-1980 em nome de Prefeito Municipal.

NELSON RODRIGUES

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife, Pernambuco, em 23-agosto-1912 e faleceu no Rio de Janeiro em 21-dezembro-1980. Aos cinco anos de idade acompanha sua família que se transfere para o Rio de Janeiro, sendo aos 13 anos, reporter policial do jornal "A Manhã", de propriedade de seu pai, passando depois para o matutino "A Crítica", igualmente, de seu pai. Entre outros, trabalhou também como cronista em "Ultima Hora", "O Globo", "Correio da Manhã" e "Folha de São Paulo". Torcedor fanático do Fluminense F. Clube, do Rio, foi comentarista esportivo na televisão. Em 1939, escreveu a primeira peça: "A Mulher Sem Pecado". Em dezembro de 1943, estreava no Teatro Municipal do Rio, sua segunda peça "Vestido de Noiva", editada no ano seguinte, e que ficou como o marco da fundação do Moderno Teatro Brasileiro. A partir do enorme sucesso de "Vestido de Noiva", Nelson Rodrigues define sua carreira de escritor, tornando-se dramaturgo. Escreveu: "Álbum de Família", "Anjo Negro", "Dorotéia", "A Valsa nº 6", "Senhora dos Afogados", "A Falecida", "Perdoa-me por me Traíres", "Viúva, Porém Honesta", "Os Sete Gatinhos", "O Boca de Ouro", "Bonitinha, mas Ordinária", "O Beijo no Asfalto", "Toda Nudez será Castigada", "A Dama do Lotação" e outras. Quase que todas as suas peças foram adaptadas para o cinema. Escreveu os romances "Asfalto Selvagem" e "O Casamento". Sob o pseudônimo de Susana Flag escreveu os romances "Meu Destino é Pecar" e "Minha Vida", ambas publicadas antes na imprensa em forma de folhetim. De seu trabalho como comentarista esportivo e cronista de jornal, publicou em 1968 "As Confissões de Nelson Rodrigues" completados no mesmo ano com "O Óbvio Ululante". Em 1972, seu filho Nelson foi preso sob acusação de envolvimento com a guerrilha, cumprindo prisão até 1979, ano em que lança sua 17a. e última peça "A Serpente".



DECRETO N.o. 6558 de 29 de julho de 1981

DENOMINA "NELSON RODRIGUES" UMA PRAÇA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 - Lei Orgânica dos Municípios,

DECRETA:

Artigo 1o. - Fica denominada "PRAÇA NELSON RODRIGUES" o Sistema de Lazer do Jardim das Paineiras, situado entre as Avenidas José Bonifácio, Jesuino Marcondes Machado e Rua 21.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 29 de julho de 1981

DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal em Exercício

DRA. NEIDE CARICCHIO
Secretária dos Negócios Jurídicos

ENGO. DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado N.o. 35.253, de 29 de dezembro de 1980, em nome do Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 29 de julho de 1981.

DR. HAMILTON DE OLIVEIRA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

Sete paradas cardíacas e Nelson Rodrigues morre



O teatrólogo, jornalista e escritor Nelson Rodrigues morreu ontem, poucos minutos antes das 8 horas da manhã, de insuficiência circulatória e respiratória, na Clínica Neurológica do Rio de Janeiro, onde se encontrava internado desde o dia 11 último, com complicações pulmonares, neurológicas e cardíacas.

Seu estado geral nas últimas horas era estável e na madrugada de ontem, o escritor teve sete paradas cardíacas, tendo os médicos tentado como último recurso, o "marca-passos", mas Nelson não resistiu, morrendo minutos antes de 8 horas. Seu corpo está sendo velado desde às 13 horas, de ontem, na Capela Clínico, do Cemitério São João Batista.

O sepultamento está marcado para às 11 horas de hoje.

Sábado, por volta das 20 horas, a saúde de Nelson Rodrigues começava a se agravar e, imediatamente, foi atendido pela equipe da Clinerj, comandada pelo médico João Elias. Todos os recursos foram tentados, mas seu coração já enfraquecido não aguentou a última parada cardíaca. No hospital estava sua mulher, seus filhos e outros parentes, além do cineasta Antônio Jacobour.

Nelson Rodrigues iniciou suas atividades jornalísticas aos 13 anos, como repórter policial no jornal "A Manhã", passando depois para o matutino "Crítica", ambos de seu pai. Aos 26 anos, es-

creveu a primeira peça, "A Mulher sem Pecado". Em dezembro de 1943, estreava no Teatro Municipal de segunda peça, "Vestido de Noiva", que ficou como marco da fundação do Moderno Teatro Brasileiro. Escreveu outras peças, dentre as quais "Album de Família", "Anjo Negro", "Dorotéia", "Valsa Número Seis", "A Falecida", "Senhora dos Afogados", "Perdoa-me por me traíres", "Bonitinha mas Ordinária", "Viúva Porém Honesta", "Toda Nudez Será Castigada", "A Dama do Lotação", "Beijo no Asfalto", "Os Sete Gatinhos" e muitas outras. Quase todas essas peças foram transformadas, posteriormente, em filmes.



Nelson Rodrigues tocounas feridas de nossa sociedade e recebeu em troca, admiração e ódio

Em sua obra, a intimidade com a morte

A idéia da morte sempre apavorou Nelson Rodrigues, mas curiosamente ela sempre foi uma constante na sua obra. Valor tão forte como o amor ou o sexo, Nelson a tratava até com certa intimidade. Ele procurava sentir o drama final em toda a sua intensidade e transmiti-lo com emoção e realismo ao espectador ou leitor.

E a morte acabou tornando-se coisa familiar para Nelson Rodrigues desde a época em que,

iniciando-se no jornalismo, foi ser repórter policial. Revelava ele: "Através da reportagem policial tive intimidade com a morte, e nela vi um cadáver pela primeira vez."

Há algum tempo, Nelson contava em uma de suas crônicas: "quando meu irmão Mário Filho morreu, escrevi que a morte é anterior a si mesmo. Ela começa muito antes, é toda uma luminosa e paciente elaboração. Nos seus últimos dias, Mário Filho teve a

lucidez, a sabedoria, a chama de quem vai morrer. Não "1 no seu rosto, no seu último rosto, nenhum espanto, nenhum medo, nenhum ressentimento. Rosto tão doce, tão compassivo, tão irmão."

Parecia uma morte consentida, quase desejada... Cada um de nós morre tão só... Quantas palavras caíam com pudor de ser amigo, vergonha de parecer piegas? Agora mesmo eu não chorava como queria. Meu Deus, porque havemos de sofrer como Rilke?!"

"Enfim, que a juventude seja livre e neurótica"

Meu nome é "Nelson Falcão Rodrigues". Nasci em Pernambuco a 23 de agosto de 1912, e permaneci em Recife até os cinco anos. Depois vim para o Rio de Janeiro, para onde trouxe minhas primeiras sensações da boca e do nariz: o gosto da pitanga e do caju e o cheiro de cavalo, de estábulo. Mesmo considerando o mundo um péssimo anfiteatro e a viagem a mais burra das experiências humanas, voltei a Pernambuco, na mocidade, retornando à infância e às suas profundas sensações.

Minha mãe lembrava-me a Virgem Maria. E eu tinha a maior admiração pelo meu pai e meus irmãos.

Além dessa devoção pela família, lembro o meu horror ao palavrão e o meu pudor físico: uma das maiores angústias que já senti na vida foi ter sido surpreendido no banheiro por uma tia. Fiquei arrasado.

"A iniciação Sexual" - Sinto remorso profundo de minha primeira experiência em matéria de sexo. Dela, do arrependimento que marcou visceralmente pela vida fora, formou-se meu ponto de vista sobre a angústia sexual do ser humano. Não admito a relação sexual a não ser com amor - exclusivamente com e por amor. Não havendo amor, a

solução é a castidade. Aos 14 anos, idade em que perdi a inocência, nos mesmos prostíbulos frequentados pelos meus companheiros, comecei a brotar em minha mente a idéia de que a relação sexual sem amor é uma ignomínia. É uma violência. Considero maldito o sexo quando não é carregado de amor. Preocupado com o sexo na medida em que, desprovido de amor, ele fere e violenta o ser humano. Acho que talvez seja essa até uma das motivações básicas da minha obra - e, além do mais, respeito e admiro a virgindade da mulher. A meu ver, a mulher só deve se entregar por amor - dentro ou fora do casamento.

"As Primeiras Letras" - Aos nove anos, na escola Prudente de Moraes, sou considerado gênio por alguns, um tarado em potencial pelas professoras e um maluco pelas alunas. Nessa época vivo a minha primeira experiência de escritor, ao concorrer, e ganhar, um prêmio de redação. O prêmio foi dividido com um colega. A história que contei: um adúltero - em que o marido mata a mulher a punhaladas. A história do colega com que dividi o prêmio foi lida em aula (a minha não foi) e era em torno de um Rajá com seu elefante. Meu derivativo, no caso,

foi descobrir que eu teria também escrito uma história de rajá - mas o meu personagem levaria, na testa, um grande diamante.

"O Jornalismo" - "A Manhã", 1925: começa a minha experiência profunda de jornalista. A reportagem policial vai transformar-se para sempre num dos elementos básicos de minha visão de vida. Através dela tive intimidade com a morte (que sempre me apavorou) e nela vi um cadáver pela primeira vez. O jornalismo, daí em diante, passou a ser vital para mim. Tinha, entretanto, intenções literárias - ser romancista, a principal delas.

"O Teatro" - Conhecendo apenas um texto teatral - Maria Caxuxa, de Jacaci Camargo - comecei a publicar em "O Globo", em 1939, "Mulher Sem Pecado". Consegui encenar a peça através de Vargas Neto. A peça despertou entusiasmo relativo, mas não desanimel. Sentiu-me inclusive, depois de alguns elogios calorosos, na obrigação de ler Teatro - e tive o grande impacto do final do "Inimigo do Povo" de Ibsen, da Electra, de O'Neil, e das tragédias de Shakespeare, especialmente "Ricardo III".

O Teatro para rir, o "Vaudeville", deixava-me indignado:

sentia-me como se estivesse numa missa cômica, os padres a equilibrar macas no nariz e os coroinhas dando bananas para os fiéis. Assim dois anos depois, parti para novo drama, suscitado por uma foto de velório que vi na redação de "O Globo". Ocorreu-me então a idéia de escrever uma peça com ação simultânea em tempos diferentes. Nascia "Vestido de Noiva", que é considerada obra-prima e que viria abaixar o morno Teatro Brasileiro.

Confesso, com toda a honestidade, que escrevi "Vestido de Noiva" em uma semana (um ato em dois dias) - e, embora tenha fascinação por outras de minhas peças, considero esta minha segunda peça a mais acabada e inatácável. Na sua montagem, discuti e convenci Ziembisky sobre o final da peça, e até hoje acho que o espetáculo que ele fez em 1941 foi o melhor entre todos os posteriores.

O sucesso de "Vestido de Noiva" definiu a minha carreira de escritor: tornei-me dramaturgo. Aplausos vibrantes e vaias fabulosas marcaram minhas peças seguintes. O teatro virou o meu meio de comunicação. Não quero deixar a platéia perplexa e nem quero mudar o código

moral, no meu teatro. Considero apenas o meu canto um canto moralista e pejado de protesto. "O folhetim e a TV" - Da experiência folhetinesca - Susana Flagg: "Meu Destino é Pecar" - guardo grandes recordações. Mas considero-me mais um romancista do que um folhetinista - E, depois de "O Casamento", pretendo lançar-me ainda mais no romance.

Acho que a televisão é um meio fabuloso de comunicação. E considero absolutamente válida a novela, pois é autêntica a área do mal gosto. Tanto "O Direito de Nascer" como "Chacrinha" são válidos, na faixa em que atuam.

"Boca de Ouro" parece-me ser a melhor adaptação cinematográfica das minhas peças. A mais fiel.

"Mensagem Final" - Que os jovens envelheçam depressa. Espero. Que admitam acima de tudo a liberdade - inclusive do pão. Que não sejam nunca marginais da condição humana. Isto é, escravos consentidos. Escravidão consentida é o pior sintoma da nossa época. E é preciso, colocar a liberdade em primeiro lugar. A neurose em segundo, porque ela é uma forma de protesto.

Enfim, que a juventude seja livre e neurótica.

O TEATRÓLOGO, O JORNALISTA E O CRONISTA ESPORTIVO

RIO (FT) - Entre os "amigos ítimos" de Nelson Rodrigues, pode-se citar desde Gilberto Freyre, João Saldanha, Salim Simão, o embaixador Roberto Campos, o banqueiro Walter Moreira Salles, e até o ex-presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, considerado pelo teatrólogo mais que um amigo, mas um "irmão íntimo".

Para Gilberto Freyre, Nelson foi o maior teatrólogo brasileiro, podendo ser considerado equivalente a Eugene O'Neil na Literatura americana. Segundo João Saldanha, Nelson valorizava a crônica esportiva "com suas geniais invenções e com sua violenta imaginação. Gilson Amado (já falecido) admirava "sua energia para conciliar a realidade com a fantasia, destruindo mitos e restaurando fatos". Inclusive escritor e vibrante jornalista.

Na opinião do sociólogo Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues foi mais incisivamente escritor, sem deixar de ser vibrante jornalista. "Foi o maior dos jornalistas literários que teve o Brasil. Neste setor, foi um equivalente do que fora Eça de Queiroz na literatura portuguesa. Com uma diferença: no brasileiro havia mais vigor de expressão do que em Eça", explica Gilberto Freyre.

Já o educador Gilson Amado, que teve algumas divergências com Nelson, mostrava-se impressionado com a sua capacidade de criar tantos personagens irrealistas e, ao mesmo tempo, transformar-se em um "pedagogo da realidade". Gilson considerava o amigo uma pessoa com algumas fixações conservadoras e, até certo ponto, superadas. "Sua total recusa ao reconhecimento

da educação sexual é um exemplo da nossa discórdância", afirmava Gilson Amado há algum tempo.

Mas Gilson considerava Nelson Rodrigues o maior teatrólogo de todos os tempos. Inclusive, ele achava que Nelson nos últimos tempos deixava de ser apenas teatrólogo e entrava pela vida política adentro, pingando geniais matadoras e frases sensacionais pelo caminho em cada crônica, artigo, repêido e repercutido em todos os pontos do território nacional.

"No entanto, por vezes, julguei-o severo demais em suas posições diante dos homens e dos fatos. Via, por vezes, o trator de sua inteligência passar por cima de algumas flores que mereciam melhor sorte", confessava Gilson Amado.

VALORIZAÇÃO DA CRÔNICA ESPORTIVA

No campo esportivo, ninguém melhor do que João Saldanha, apelidado por Nelson de "João sem Medo", para falar do teatrólogo e jornalista. Saldanha atribuiu a Nelson "uma nova e grandiosa dimensão à crônica esportiva".

"Embora ele dissesse sempre que não tinha compromisso com os fatos, Nelson só rompia com os fatos no segundo, terceiro parágrafo de suas crônicas. E criava exatamente sobre os fatos e, se os retificasse, em seguida apresentava-os valorizados, fazia história. A história do esporte de nossos dias, onde cada pontapé ou cabeçada tem de ser devidamente interpretada e não mais simplesmente retratada. Como observaram os críticos literários e

sociólogos, Nelson fazia com que um simples jogo de futebol deixasse de ser um jogo manjado de 22 sujeitos correndo atrás da bola e se transformasse na suprema manifestação artística e criativa de todo um povo", opinou João Saldanha.

Roberto Campos, presença assídua nas crônicas de Nelson Rodrigues, definiu - certa vez, em poucas palavras: "Nelson consegue atingir o homem brasileiro, substituindo a lógica pela piada. Considero-o o maior cronista de todos os tempos e admiro seu estilo lacônico".

A opinião do banqueiro Walter Moreira Salles é semelhante: "O Nelson consegue definir e penetrar profundamente na alma humana como nenhum outro escritor da língua portuguesa. E tudo isto com uma, duas ou três frases, no máximo."